

TEMPO E MEMÓRIA: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM *A CIDADE DE ULISSES*

TIME AND MEMORY: CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN A CIDADE DE ULISSES

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p226-237>

Rosilene Aparecida Froes Santos ^I

Marcio Jean Fialho de Sousa ^{II}

RESUMO

Partindo da perspectiva de que no mundo da pós-modernidade o sentido de todas as coisas está no princípio do movimento e da construção, a proposta deste estudo é analisar como os mecanismos da memória corroboram para a constituição do sujeito por meio de narrativas demonstradas no livro *A cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, publicado em 2011. Desse modo, o estudo que segue neste artigo parte dos pressupostos teóricos de que a memória individual e coletiva são auxiliares no processo de construção do sujeito, por meio de processos de rememoração e da percepção da presença do mito, do imaginário e da ficção para o desenvolvimento, não só do eu ou de territórios, mas da própria realidade humana. Para essa análise, foram utilizados, como aporte teórico, as contribuições de Le Goff (1990) e Stuart Hall (2021).

PALAVRAS-CHAVE

Teolinda Gersão; Memória; Constituição do sujeito; *A cidade de Ulisses*.

ABSTRACT

Starting from the perspective that in the world of postmodernity the meaning of all things lies in the principle of movement and construction, the purpose of this study is to analyze how the mechanisms of memory corroborate to the constitution of the subject through narratives demonstrated in the book *A cidade de Ulisses*, by Teolinda Gersão, published in 2011. Thus, the study that follows in this article, starts from the theoretical assumptions that the individual and collective memory are auxiliary in the process of construction of the subject, through processes of remembrance and the perception of the presence of the myth, the imaginary and the fiction for the development, not only of the self or of territories, but of the human reality itself. To analyze, we have considered the contribution of Le Goff (1990) and Stuart Hall (2021).

KEYWORDS

Teolinda Gersão; Memory; Constitution of the subject; *A cidade de Ulisses*.

^I Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

^{II} Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

A nossa memória é uma ficção. Isso não significa que ela seja falsa, mas que, mesmo não sendo solicitada, ela passa o tempo todo ordenando, associando, articulando, selecionando, excluindo, esquecendo, ou seja, construindo, fabulando.
(Nancy Huston)

O exercício da memória e do apagamento é um instrumento complementar à constituição do sujeito que, por meio da História e na História, constrói-se constante e progressivamente. Desse modo, o pensamento fixo no presente é capaz de produzir um sentimento equivocado de que o hoje é o motivo de toda a existência, como se o ontem pudesse ser ignorado, e o futuro, apenas uma consequência natural da vida. Por outro lado, ainda que as reflexões sobre o hoje não devam ser exclusividade ou mesmo foco, a preocupação excessiva com o passado e ou com o futuro também é capaz de produzir sentimentos de angústia associados ao que fora, assim como também produzir os efeitos da ansiedade sobre o que virá. Como afirma Orlando Grossegeisse (2001, p. 110), “A consciência de sermos sobreviventes faz-nos avaliar nossa vida como hipoteticamente acabada”, fugindo então dessa assertiva apresentada pelo pesquisador, fugindo das pretensas certezas, o equilíbrio parece ser o caminho mais sensato para a reflexão e para a vida.

A reflexão que se apresenta nesse parágrafo inicial justifica-se como um preâmbulo para a discussão a que se propõe neste estudo, pois a hipótese de uma “vida acabada”, ou seja, completa em toda a sua complexidade, como se nada mais pudesse vir a agregar, traz em sua essência o sentimento de certeza sobre “si”, como se o “quem sou” não pudesse vir a ser o “quem serei”, tal como preconizado, por exemplo, por Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011). Ou seja, no mundo da pós-modernidade, a ideia do construído e estagnado cede o lugar para o movimento, para o sentido de que tudo e todos estão sempre em constante transformação, em construção; não há completude, há processo.

Nesse sentido, a proposta deste estudo é analisar os mecanismos da memória como instrumento para a constituição do sujeito por meio de narrativas demonstradas no enredo do livro *A cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, publicado em 2011.

PAULO VAZ E OS MOVIMENTOS DO TEMPO E DA MEMÓRIA

Tudo o que importa na vida se passa também sempre no nível do imaginário. Para o bem ou para o mal. Pelo menos com os artistas é assim. La pittura è cosa mentale, disse Leonardo noutro contexto, mas também poderia aplicar-se a este
(Gersão, 2011, p. 23)

Tendo como ponto de partida a fala de Leonardo da Vinci que afirma que “A pintura é coisa mental”, e compreendendo a pintura, nesse caso, como metonímia da arte, percebe-se a abertura de um campo discursivo acerca da relação estabelecida entre vida e imaginário, campo esse trilhado pela escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão, por meio de suas obras, nas quais convida o leitor a fazer reflexões cada vez mais contundentes acerca de si e da sociedade, o que confirma o fato de que “o leitor deve buscar reconhecer nos personagens de um romance não é o autor. É ele próprio” (Huston, 2010, p. 130).

Não por menos, *A cidade de Ulisses*, publicada em 2011, ao apresentar uma narrativa guiada pelo narrador-personagem, em um enredo que entrelaça a memória individual à memória coletiva, propicia ao leitor processos reflexivos embasados no contexto histórico. A autora, com sua maestria, constrói um enredo que leva o leitor a reconhecer o vínculo indissociável entre o “eu”, a história e a arte, bem como o processo de constituição do sujeito atrelado ao espaço e ao tempo, tendo como fio condutor a memória.

Na obra *A cidade de Ulisses*, o enredo constrói-se a partir das memórias da personagem Paulo Vaz, um artista plástico, que ao ser convidado para fazer uma exposição sobre a cidade de Lisboa é levado a rememorar suas vivências e sentimentos:

Muitas das minhas obras foram feitas a partir de uma paixão qualquer, as mulheres foram fontes de energia ou ponto de partida para muito do que produzi.

Dessa vez também será assim, A memória, como deve estar lembrado, é a mãe das musas (Gersão, 2011, p. 23).

O convite para a montagem da exposição leva Paulo Vaz a passar por um longo processo de reflexão que será distribuído em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo, três partes conduzem as primeiras

reflexões como num processo de anacorese do narrador-personagem: “Em volta de um convite”, “Em volta de Lisboa” e “Em volta de nós”. Nesse sentido, ao receber o convite, Paulo Vaz começa a pensar sobre a possibilidade ou não de aceitar, ou seja, quais seriam as vantagens e as desvantagens em aceitar fazer uma exposição? Pois, apesar de ter como pano de fundo a constituição de Lisboa, seria a sua própria constituição, tal como afirmara no início do projeto com Cecília: “Lisboa era um pano de fundo, em geral desfocado porque a nossa atenção se dirigia para outras coisas, só por vezes se centrava na cidade” (Gersão, 2011, p. 42).

Durante as suas reflexões, foi inevitável lembrar-se de Cecília Branco.

Na verdade achei o projeto insensato e não o levei a sério da primeira vez que ele veio ter comigo e com a mulher com quem vivia na altura, aliás a pessoa mais criativa e dotada que alguma vez conheci. Por razões que não vêm ao caso, ela não poderá agora levar a cabo a colaboração que nessa época existiu. Mas, como terei oportunidade de informar o CAM em tempo hábil, o seu nome deverá também constar, porque tratou de um projeto de ambos (Gersão, 2011, p. 22).

Afinal ela, seu grande amor, é quem tinha pensado inicialmente em fazer uma exposição desse tipo.

Desse modo, aceitar o convite implicaria se aproveitar de uma ideia que não era dele, aliás, ao pensar na estrutura da exposição só lhe vinham as ideias de Cecília Branco, afinal, ela não parava de falar sobre o projeto que daria vida à exposição de Lisboa. Na verdade, para ela a exposição em construção não tinha como fim expor a Cidade, era algo mais intimista, “Era um divertimento, um jogo privado com que desafiávamos a imaginação um do outro. Andávamos por aí, e olhávamos a cidade como se nos pertencesse e fôssemos construir alguma coisa a partir dela” (Gersão, 2011, p. 19), essa ‘coisa’ a ser construída era eles próprios.

Na sequência, veio à reflexão sobre a própria cidade de Lisboa, sobre as possibilidades criativas, míticas e históricas de cidade: a história de Lisboa se confunde mesmo com a história de Portugal. Culminando pela reflexão sobre o “nós”, ou seja, sobre eles mesmos, sobre quem são, quem foram e como se formaram.

Seguido pelo capítulo que fala sobre a vivência de Paulo Vaz e Cecília Branco, concluindo com o capítulo três que dá conta da exposição “A cidade de Ulisses”. Todo esse percurso se organiza analogamente como

que “o olhar” do sujeito errante “concentra em si a inteligência e as paixões”, ao buscar decifrar a cidade labiríntica, o próprio país, o outro com quem se depara e a si mesmo (Faria, 2018, p. 177).

Ante o exposto, o que chama a atenção do leitor é como Paulo Vaz, narrador protagonista do romance, ao recuperar suas memórias, acaba por se surpreender com as descobertas externas, sobre a sua ex-companheira, Cecília Branco, acaba por revelar a si mesmo, como em um processo de desmascaramento de si, um desvendar.

Por outro lado, vale ressaltar que o enredo em primeira pessoa dessa obra gersiana, ao levar o leitor às estratégias de leitura pertinentes à leitura de textos autobiográficos, identifica a chamada

autobiografia da personagem da ficção na qual “[...] o enredo é exposto por uma personagem – criada pelo autor que a molda no sentido de conferir-lhe uma determinada identidade no interior da trama” – que narra suas experiências humanas e sociais (Bosi apud Leonal; Segatto, 2013, p. 204).

Retomando as memórias de Paulo Vaz, antes mesmo de aceitar a proposta de fazer a exposição sobre Lisboa, a personagem é levada a buscar, por meio das lembranças, Cecília Branco, com quem viveu um romance, que havia idealizado uma exposição sobre a cidade de Lisboa há anos. Ancorado a essas lembranças, Paulo Vaz traz à tona as especificidades das artes plásticas, evidenciando que essas “por vezes valiam não tanto por si mesmas mas pelo que suscitavam, e só podia ser traduzido em palavras: curiosamente o que sobre elas se dizia e escrevia podia ser muito mais interessante do que elas mesmas” (Gersão, 2011, p. 21), assim, com sua autonomia a arte torna-se veículo para outro mundo, mundo esse que suscita reflexões e palavras com alto grau de significado.

Também não seria excessivo afirmar que, diante do exposto, é possível aproximar as artes plásticas presentes na obra à arte dramática, como o teatro épico proposto por Bertolt Brecht, o qual faz uso de elementos para a efetivação do chamado *efeito de distanciamento* entre o espectador e a cena, que consiste em possibilitar que o receptor da arte se desapegue do real e seja levado ao mundo da reflexão, do imaginário, e, a partir de então, possa meditar sobre si e sobre o outro.

Dessa forma, a personagem criada por Teolinda Gersão tem ciência do papel da arte, uma vez que para ele “uma exposição seria uma

experiência que ficaria na memória e o significado, guardariam” (Gersão, 2011, p. 65), ou seja, a exposição não está vinculada somente ao divertimento ou informação, uma vez que suscita no espectador reflexões que culminam em transformação.

Paulo Vaz, por meio de seu exercício de rememoração, apresenta a construção de Lisboa e sua relação com a história de Ulisses, sua epopéia, seus relacionamentos amorosos, sua liberdade, dentre outros aspectos que são utilizados como fundamentos para vários fatos históricos, como as colonizações, a escravatura, o poderio da igreja, as grandes navegações e desenvolvimento científico em decorrência dessas.

Ao resgatar seu relacionamento amoroso com Cecília, Paulo Vaz traça um paralelo entre ele e a personagem mitológica Ulisses, sob a perspectiva das relações amorosas e da liberdade, com isso depreende-se que as ações que permeiam a sociedade lisboeta são originadas no mito e, que, portanto, enraízam-se e passam a ser inquestionáveis.

O exposto corrobora a reflexão feita pela escritora canadense Nancy Huston, em sua obra *A espécie fabuladora* (2010), a respeito das narrativas ficcionais: “Elaboradas ao longo dos séculos, essas ficções se tornam, pela fé que depositamos nelas, a nossa realidade mais preciosa e a mais irrecusável. Embora totalmente tecidas com o imaginário, elas engendram um *segundo nível de realidade*, a realidade humana” (Huston, 2010, p. 26).

Dessa forma, depreende-se que os mitos e as ficções, para além do imaginário, adentram a consciência humana e a constituição da realidade.

A escolha do que expor sobre Lisboa, não constitui uma tarefa fácil, ainda mais, quando a idealização de Cecília, *A cidade de Ulisses*, abre um leque de perspectivas, que se encontram vinculadas ao interesse individual, assim, a exposição a ser criada pela personagem tinha a ver com sua relação com Cecília, uma vez que “O modo como olhávamos a cidade tinha a ver conosco e com a nossa história. Desde logo porque o ponto de vista éramos nós” (Gersão, 2011, p. 67). A partir desse trecho, podemos retomar a ideia de memória coletiva e memória individual, proposta pelo historiador francês Jacques Le Goff, ou seja, a construção da memória coletiva tem suas raízes nas memórias individuais, tendo em vista que “A memória coletiva tomou, no século XIX, um volume tal que se tornou impossível pedir à memória individual que recebesse o conteúdo das bibliotecas...” (Le Goff, 1990, p. 403).

Diante dessa relação entre tempo, memória coletiva e memória individual, o narrador-personagem analisa a história de Lisboa sob a perspectiva de sua própria vida, e, no processo de reconstrução da história da cidade, passa por um processo de constituição de si próprio, o que nos faz aproximar o romance de Teolinda Gersão ao *romance de formação* proposto por Goethe, no qual a

“formação” não é um mero sinônimo para “cultura”, “instrução”, “erudição” etc. Buscar sua “formação” significa também buscar uma desenvoltura nos assuntos mundanos, fazer novas experiências, aproximar-se o máximo possível de uma (sempre inatingível, porém) “maestria de vida”. “Formação” não significa, portanto, apenas adquirir novos conhecimentos, mas também redimensionar o já sabido, passar em revista, criticamente, as opiniões, os juízos e “pré-juízos”, conceitos e “pré-conceitos” e, desse modo, estar inserido num processo de contínuas transformações (Mazzari, 2018, p. 17).

Assim, Paulo Vaz, ao expor, por meio das memórias, os acontecimentos de sua vida na busca por uma perspectiva que permeie a exposição da cidade de Lisboa, apresenta ao leitor a tradição narrativa criada por Goethe, caracterizada por fazer

seu herói aspirar, mesmo que inconscientemente, a “buscar minha plena formação, tomando-me tal como existo”, [...] romances, portanto, que colocam em cena personagens em busca de autocompreensão, em processo de amadurecimento, aperfeiçoamento, aprendizagem, num confronto educativo com a realidade, não importando se o “caminho de formação” (*Bildungsweg*) narrado conflui para um desfecho relativamente bem sucedido ou se termina com a derrocada do protagonista (Mazzari, 2018, p. 29).

Com isso, o narrador-personagem ao tentar reconstruir a história de Lisboa, tendo por base as suas memórias, passa em revista a sua própria vida, e nesse processo de revistar-se culmina na autorreflexão e na autoformação.

Paulo Vaz percebe a necessidade de passar a limpo alguns acontecimentos e sentimentos, contudo, é com a morte de Cecília que essa necessidade se intensifica. Assim, para ele, a construção da exposição d’*A cidade de Ulisses* não é, simplesmente, apresentar a cidade aos espectadores; é, sobretudo, reconstruir Cecília, reconstruir a si mesmo, e, dessa forma o

leitor reflexões acerca da constituição da cidade e, de forma mais intensa, do “eu”.

Ao evidenciar que “Os turistas fogem em geral de si mesmos e procuram, obviamente, as cidades reais. Os viajantes vão à procura de si noutros lugares e preferem as cidades imaginadas. Com sorte conseguem encontrá-las. Ao menos uma vez na vida” (Gersão, 2011, p. 181), a obra propõe ao leitor, mais que conhecer a história de Lisboa, propõe uma viagem cujo destino é o próprio “eu”, ou seja, uma viagem em busca de si.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Refletir acerca do livro *A cidade de Ulisses* torna-se uma tarefa altamente complexa, tendo em vista que essa e as demais publicações de Teolinda Gersão apresentam perspectivas muito ricas acerca da essência humana. *A cidade de Ulisses*, ao propiciar reflexões a respeito da formação do eu, por meio do enredo constituído através das memórias da personagem Paulo Vaz, propicia ao leitor não só conhecer a história de Lisboa, objetivo inicial da narrativa, como também a história da personagem que, de pano de fundo, passa a ganhar destaque no enredo.

Recuperando a perspectiva de Álvaro Cardoso Gomes (1993), para expressar as relações humanas e suas conflituosas perspectivas, o leitor atento poderá perceber como a personagem Paulo Vaz lida com seus próprios medos e com seus conflitos interiores por meio de um processo análogo aos caminhos da anacorese, que se configura como uma prática de autoconhecimento. Por meio do convite para fazer a exposição, Paulo Vaz tem a motivação, o conflito interno que o leva ao processo de busca de si e ao autoencontro.

Quanto à instrumentalização dos recursos da memória, a memória individual, utilizada para a reconstrução da história de Lisboa, torna-se também instrumento de construção da memória coletiva, por trazer à tona acontecimentos e sentimentos que envolvem não somente aquele que rememora, Paulo Vaz, mas também o contexto social, a cidade de Lisboa. Por meio das reflexões aqui apresentadas, é possível depreender também que a utilização dos mecanismos da memória desenvolve um papel de extrema relevância para a constituição de si, uma vez que ao rememorar o indivíduo é levado a refletir sobre suas ações e sentimentos, o que propicia não só a autopercepção como também a autotransformação, processo esse que dá origem a um outro eu, uma outra identidade.

A narrativa, ao aproximar o discurso mítico que permeia a formação da cidade de Lisboa à narrativa ficcional da existência da personagem Paulo Vaz, possibilita a percepção da presença do mito, do imaginário e da ficção para o desenvolvimento, não só do eu ou de territórios, mas da própria realidade humana.

Dessa forma, a obra de Teolinda Gersão, *A cidade de Ulisses*, propicia uma reflexão acerca do ser humano como uma espécie fabuladora, na qual a realidade e a ficção encontram-se atreladas na construção do sujeito.

REFERÊNCIAS

- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. "A Cidade de Ulisses, de Teolinda Gersão". *Metamorfoses*, n. 14, p. 177-179, 2018.
- GERSÃO, Teolinda. *A Cidade de Ulisses*. 2ª ed. Porto: Sextante Editora, 2011.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Edusp, 1993.
- GROSSEGESSE, Orlando. "Memória e Leitura. Sobre a posteridade em Eça de Queirós". *O Escritor*, Ass. Portuguesa de Escritores, Lisboa, n. 15/16/17, março/2001. p. 110-122.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. "Considerações sobre a autobiografia". In: LEONEL, Maria Célia; GOBBI, Márcia Valéria Z. *Modalidades da narrativa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. "Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister: 'Um magnífico arco-íris' na história do romance". *Literatura e Sociedade*, n. 27, p. 12-30, jan.-jun. 2018.
- OREST, Ranum. "Os Refúgios da Intimidade". In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada – da renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 211-263.
- SOUSA, Marcio J. F. de. *A atualidade dos gêneros autobiográficos: ensaios críticos*. São Paulo: Editora Biblioteca 24horas, 2019.

Recebido em 1 de fevereiro de 2023

Aprovado em 18 de maio de 2023

Licença: 

Rosilene Aparecida Froes Santos

Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia. Mestra em Letras Estudos Literários, especialista em Libras com ênfase em Interpretação e Docência no Ensino Superior e Psicopedagogia, todos pela Universidade Estadual de Montes Claros. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros e licenciada e bacharela em Letras Libras e Segunda Licenciatura em Letras Português. Técnica em Tradução e Interpretação Libras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Professora e Tradutora / Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras / Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros.

Contato: rosy.froes@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1083-2236>

Marcio Jean Fialho de Sousa

Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros. Doutor e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros.

Contato: pcopmarciojean@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8512-574X>